

PHILIP ROTH

PASTORAL
AMERICANA

Tradução

Rubens Figueiredo



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1997 by Philip Roth

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original
American Pastoral

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Katia Rossini

Revisão
Larissa Lino Barbosa
Juliane Kaori

Atualização ortográfica
Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Roth, Philip, 1933-

Pastoral americana / Philip Roth ; tradução Rubens Figueiredo.
— 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2013.

Título original: American Pastoral.
ISBN 978-85-359-2279-0

1. Romance norte-americano I. Título.

13-04305

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura norte-americana 813

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhidasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Parte I
PARAÍSO RELEMBRADO

O SUECO. No tempo da guerra, quando eu ainda era um estudante da escola primária, esse era um nome mágico nos arredores de Newark, mesmo para os adultos, havia apenas uma geração transferidos do gueto da velha rua Prince, no centro da cidade, e ainda não tão perfeitamente americanizados a ponto de ficarem deslumbrados com a destreza de um atleta da escola secundária. O nome era mágico; bem como o rosto anômalo. Entre os poucos estudantes judeus de boa compleição física em nossa escola pública secundária frequentada predominantemente por judeus, nenhum possuía nada sequer remotamente parecido com a máscara viquingue implacável e a mandíbula enérgica daquele louro de olhos azuis nascido em nossa tribo com o nome de Seymour Irving Levov.

O Sueco brilhava como ponta no futebol americano, meio de campo no basquete e primeira base no beisebol. Só o time de basquete valia alguma coisa — venceu duas vezes o campeonato da cidade, ocasião em que ele foi o cestinha do torneio — mas, contanto que o Sueco brilhasse, a sorte de nossas equipes esportivas não tinha muita importância para um corpo de alunos cujos responsáveis, em sua vasta maioria muito pouco letrados e sobrecarregados pelo trabalho, veneravam acima de tudo o desempenho acadêmico. A agressão física, mesmo camuflada por uniformes de atleta e regras oficiais, e mesmo destituída do intuito de fazer qualquer mal aos judeus, não representava uma fonte tradicional de prazer em nossa comunidade — os diplomas superiores, estes sim. No entanto, por intermédio do Sueco, nosso bairro penetrou em uma fantasia acerca de si mesmo e do mundo, a fantasia dos fãs do esporte em toda parte: quase como os gentios (como imaginavam ser os

gentios), nossas famílias conseguiam esquecer o modo como as coisas funcionavam na realidade e transformar uma exibição atlética no repositório de todas as suas esperanças. Principalmente, conseguiam esquecer a guerra.

O fato de os judeus de Weequahic terem elevado Sueco Levov à condição de Apolo local pode ser melhor explicado, creio eu, pela guerra contra os alemães e os japoneses e pelos temores que ela suscitava. Com o indomável Sueco no campo de jogo, a superfície insignificante da vida adquiria uma espécie de sustentação bizarra, ilusória, o feliz abandono à inocência do Sueco, levando em conta que se tratava de pessoas que viviam o tempo todo mortas de medo de nunca mais voltarem a ver os filhos, os irmãos e os maridos.

E como isso afetava o Sueco — a glorificação, a santificação de cada cesta de bandeja que ele fazia, de cada passe que ele saltava e interceptava, de cada bola rasante que rebatia com o taco até a extremidade esquerda do campo de beisebol? Seria isso que o transformava naquele rapaz de rosto circunspecto e duro? Ou a sobriedade do ar maduro seria antes a manifestação exterior de uma árdua luta interior para manter acuado o narcisismo, servido amorosamente e em grandes porções por uma comunidade inteira? As animadoras de torcida na escola secundária tinham um grito especial para o Sueco. Ao contrário dos demais gritos de torcida, dedicados a inspirar o time inteiro ou eletrizar os espectadores, aquele era um tributo rítmico, marcado com batidas dos pés no chão, unicamente para o Sueco, o entusiasmo por sua perfeição irredutível e indômita. A alegria sacudia o ginásio nas partidas de basquete toda vez que ele pegava um rebote ou marcava um ponto, o clamor corria até o nosso lado do Estádio Municipal nas partidas de futebol americano sempre que ele ganhava uma jarda ou interceptava um passe. Em Irvington Park, mesmo nas pouco concorridas partidas locais de beisebol em que não havia nenhum grupo de animadoras de torcida sofregamente ajoelhadas na beirada do campo, ouvia-se vibrar o refrão na voz rarefeita de um punhado de robustos moradores de Weequahic sentados nas arqui-

bancadas de madeira, não só quando o Sueco rebatia uma bola com o taco mas mesmo quando ele executava uma simples jogada rotineira na primeira base, pondo fora de campo um jogador adversário. Era um grito de torcida que consistia em oito sílabas, quatro delas o seu nome, que soava assim: Pam pam pam *pam!* Pam pam pam... *pam!* E o ritmo, sobretudo nas partidas de futebol americano, era acelerado a cada repetição, até que, no ápice da adoração frenética, em êxtase, desencadeava-se uma explosão de vagalhões de saias tremulantes e saltos mortais com as mãos apoiadas no chão, enquanto os calções de ginástica cor de laranja das dez vigorosas e pequeninas animadoras de torcida fulguravam como fogos de artifício diante de nossos olhos maravilhados... e não por amor a você ou a mim, mas ao formidável Sueco. “Sueco Levov! Rima com... ‘Love!’... Sueco Levov! Rima com... ‘Love!’... Sueco Levov! Rima com... ‘Love!’”

Sim, para onde quer que ele olhasse, as pessoas o amavam. Os proprietários da loja de doces que nós, meninos, vivíamos infernizando, só nos diziam “Ei-você-cai-fora!” ou “Moleque-para-com-isso!”, mas a ele chamavam respeitosamente “Sueco”. Os pais sorriam e, com benevolência, dirigiam-se a ele como “Seymour”. As meninas tagarelas chegavam a desmaiar ostensivamente quando passavam por ele na rua, e as mais corajosas gritavam às suas costas “Volte, volte, Levov do meu coração!”. E ele deixava que isso tudo acontecesse, caminhava pelo bairro na posse tranquila de todo esse amor, dando a impressão de que não sentia coisa alguma. Ao contrário de toda e qualquer fantasia que o restante de nós possa ter tido a respeito do efeito intensificador em nós mesmos dessa adulação total, acrílica e idólatra, o amor despejado sobre o Sueco parecia, de fato, *privá-lo* de sentimentos. Nesse rapaz abraçado como um símbolo da esperança por tanta gente — a encarnação da força, da determinação, do brio entusiasmado que havia de prevalecer a fim de trazer sãos e salvos para casa nossos soldados, recrutados na escola secundária, de volta lá de Midway, Salerno, Cherburgo, das ilhas Salomão, das Aleutas, de Tarawa — não pare-

cia haver uma só gota de humor ou ironia para perturbar o magnífico dom da responsabilidade.

Mas o humor ou a ironia são um peso morto para um jovem como o Sueco, uma vez que a ironia representa um consolo humano e está totalmente fora de questão para quem segue seu caminho como se fosse um deus. Ou existia todo um lado da sua personalidade que o Sueco reprimia ou que ainda se achava adormecido ou, então, o que é mais provável, não existia nada. A indiferença, a aparente passividade diante da condição de objeto do desejo de todo esse amor assexuado fazia com que o Sueco parecesse, se não divino, pelo menos situado em um patamar nitidamente acima da humanidade mais primária, à qual todos os demais no colégio pertenciam. O Sueco se achava aprisionado pela história, era um *instrumento* da história, adorado com uma paixão que talvez nunca se teria manifestado se ele tivesse quebrado o recorde de basquete de Weequahic — ao fazer vinte e sete pontos contra Barringer — em outro dia que não o tristíssimo dia de 1943 em que cinquenta e oito Fortalezas Voadoras foram derrubadas por aviões de caça da Luftwaffe, duas tombaram atingidas pela artilharia antiaérea e mais cinco se despedaçaram após cruzar o litoral britânico, de volta de um bombardeio aéreo na Alemanha.

O irmão mais novo do Sueco era meu colega de turma, Jerry Levov, um magricela de cabeça miúda, estranhamente superflexível, com um talhe semelhante às varas de um pé de alcaçuz, uma espécie de mago da matemática, melhor aluno e orador da turma em janeiro de 1950. Embora Jerry nunca tenha tido uma amizade verdadeira com ninguém, a seu modo irascível e imperioso ele me dedicou sua atenção ao longo dos anos e foi assim que, a partir dos dez anos de idade, vim a ser sempre derrotado por ele no pingue-pongue, no bem-acabado porão da casa da família Levov, na esquina das ruas Wyndmoor e Keer — “acabado” significando que o porão tinha as paredes forradas com pinho nodoso, doméstico, e não, como Jerry parecia pensar, que era o lugar perfeito para acabar com a raça de um outro garoto.

O caráter explosivo da agressividade de Jerry em uma mesa de pingue-pongue ultrapassava o de seu irmão em qualquer outro esporte. Uma bola de pingue-pongue é concebida e modelada de uma forma genial para nunca vazar o olho da gente. De outro modo eu jamais teria ido jogar pingue-pongue no porão da casa de Jerry Levov. Se não fosse pela oportunidade de dizer às pessoas que eu frequentava a casa de Sueco Levov, ninguém seria capaz de me levar para aquele porão, sem ter com o que me defender, a não ser uma pequena raquete de madeira. Nada que pese tão pouco quanto uma bola de pingue-pongue pode ser letal, todavia, quando Jerry golpeava aquela bolinha, o assassinato não podia andar muito longe do seu pensamento. Nunca me ocorreu que aquela exibição de violência pudesse ter algo a ver com o que significava para ele ser o irmão mais novo do Sueco Levov. Uma vez que eu não podia imaginar nada melhor do que ser irmão do Sueco — exceto ser o próprio Sueco — não conseguia entender que, para Jerry, devia ser difícil imaginar qualquer coisa pior do que isso.

O quarto do Sueco — onde jamais ousei entrar, mas diante do qual eu parava para espiar pela porta quando saía do quarto de Jerry para ir ao banheiro — ficava espremido embaixo do beiral nos fundos da casa. Com seu teto inclinado, suas janelas de água-furtada e suas flâmulas de Weequahic presas nas paredes, assemelhava-se ao que eu julgava ser um verdadeiro quarto de rapaz. Através das duas janelas que davam para o quintal gramado, a gente podia ver o telhado da garagem dos Levov, onde o Sueco, quando ainda era estudante da escola primária, treinava com o taco de beisebol durante o inverno, golpeando uma bola amarrada em um cordão pendurado em uma viga no teto — uma ideia que ele deve ter tirado de um romance sobre beisebol escrito por John R. Tunis, intitulado *O garoto de Tomkinsville*. Topei com esse romance e outros livros de beisebol de Tunis — *Duke de ferro*, *Duke decide*, *A escolha do campeão*, *Garotos de Keystone*, *O melhor estreante do ano* — ao olhar com atenção para a estante embutida ao lado da cama do Sueco, todos perfilados em ordem alfabética entre dois pesados supor-

tes de livros feitos de bronze que ele ganhara como presente de bar mitzvah, réplicas em miniatura da estátua *O pensador*, de Rodin. Fui imediatamente à biblioteca para pegar emprestado todos os livros de Tunis que pude encontrar, e comecei com *O garoto de Tomkinsville*, um romance doloroso, cativante para um menino, escrito de maneira simples, lento em certos trechos, mas direto e nobre, a respeito de um garoto, Roy Tucker, um jovem arremessador de mão firme oriundo da montanhosa zona rural de Connecticut, cujo pai morre quando ele ainda tem quatro anos e cuja mãe morre quando ele está com dezesseis, e que ajuda sua avó a ganhar o pão de cada dia trabalhando na fazenda da família durante o dia e, de noite, trabalhando na cidade, “no mercadinho do MacKenzie, na esquina da South Main”.

O livro, publicado em 1940, tinha desenhos em preto e branco que, apenas com uma pequena distorção expressionista e um bocado de precisão anatômica, ilustravam engenhosamente a dureza da vida do garoto, muito antes de o jogo de beisebol ser esclarecido por um milhão de estatísticas, no tempo remoto em que o beisebol fazia parte dos mistérios do destino humano, quando os principais atletas da liga não aparentavam ser rapagões saudáveis mas sim magros e mal alimentados trabalhadores. As ilustrações pareciam nascidas da sombria miséria da América da Depressão. A cada dez páginas mais ou menos, a fim de representar de maneira sucinta um dramático momento físico da história — “Ele conseguiu forçar um pouco mais a jogada”, “Foi parar do outro lado da cerca”, “Razzle saiu capengando para o fosso dos reservas” —, surge uma ilustração escura, carregada no preto, de um jogador magricela, de rosto sombrio, severamente delineado sobre uma página vazia, sem texto, isolado, como a alma mais solitária do mundo, tanto da natureza como dos homens, ou plantado sobre a simulação pontilhada de um campo gramado, arrastando aos pés a esquelética estatueta de uma sombra semelhante a um verme. Ele é privado de todo glamour, mesmo vestindo um uniforme de beisebol; se é o apaixonador, sua mão provida de luvas parece uma pata de animal; e

o que cada imagem torna graficamente óbvio é que jogar nos times principais, por mais heroico que possa parecer, é apenas uma outra forma de trabalho fatigante e mal remunerado.

O garoto de Tomkinsville podia também se chamar *O cordeiro de Tomkinsville*, ou até *O cordeiro de Tomkinsville levado para o matadouro*. Na carreira do garoto de Tomkinsville como astro recém-chegado a um clube colocado em último lugar no campeonato, o Brooklyn Dodger, cada triunfo é recompensado com uma decepção punitiva ou um acidente arrasador. A leal amizade que se desenvolve entre o solitário e saudoso Garoto e o apanhador veterano do Dodger, Dave Leonard, que lhe ensina com sucesso como agir na liga principal e que, “com seus firmes olhos castanhos por trás da máscara”, zela por ele no decorrer de uma partida em que o adversário não tem a chance de chegar sequer à primeira base, termina brutalmente desfeita após seis semanas de torneio, quando, do dia para a noite, o veterano é retirado da lista de jogadores do clube. “Ali estava uma velocidade que raramente mencionavam no mundo do beisebol: a rapidez com a qual um jogador ascende — e decai.” Em seguida, após o Garoto ter vencido sua décima quinta partida consecutiva — um recorde absoluto para um estreante na liga principal, cifra que nenhum apanhador em qualquer liga jamais havia alcançado —, ele é derrubado por acidente, no chuveiro, quando seus colegas de equipe passaram atabalhoadamente por ele comemorando em alvoroço após uma grande vitória, e a contusão no cotovelo, que o põe fora de jogo durante o outono, termina por deixá-lo incapaz de voltar a jogar como arremessador. Ele fica no banco durante o resto do ano, como um substituto de emergência em virtude de sua força ao bater, e depois, ao longo do nevoento inverno — de volta para casa em Connecticut, passando os dias na fazenda e as noites no mercadinho, agora bem conhecido, mas de novo apenas o neto querido da vovó —, ele se exercita com afinco sob a orientação de Dave Leonard a fim de manter o nível do seu impulso do braço (“A tendência para ficar com o ombro direito um pouco mais baixo e impulsionar a bola um pouco para cima era o seu

pior defeito”), amarrando uma bola em um cordão e prendendo a outra ponta no teto do celeiro, batendo na bola nas frias manhãs de inverno com o “seu adorado taco” até ficar encharcado de suor. “Pá!...’ O som limpo e doce de um bastão batendo em cheio em uma bola.” Na temporada seguinte, ele está pronto para retornar aos Dodgers como um veloz jogador do lado direito do campo, alcança 325 na segunda jogada e leva seu time a se manter na disputa do campeonato até o final. No último dia da temporada, em uma partida contra os Giants, que estão na frente mas apenas até a metade da partida, o Garoto incendeia o ataque dos Dodgers e, no fundo da décima quarta — com dois fora, dois homens em jogo e os Dodgers na frente por causa de uma corrida completada com êxito pelo Garoto, no seu estilo tipicamente arrojado e explosivo de correr —, ele executa a jogada final e salvadora, uma corrida desesperada para apanhar a bola no ar e que termina com o Garoto se esborrachando de frente no muro da lateral direita do campo. Essa proeza temerária conduz os Dodgers para o campeonato mundial e deixa o Garoto “se contorcendo em dores sobre a grama verde do campo”. Tunis conclui da seguinte forma: “A noite caiu sobre a massa dos jogadores, sobre uma enorme multidão que afluiu para dentro do campo, sobre dois homens que carregaram uma forma inerte, no meio da multidão, sobre uma padiola... Ouviu-se o ressoar de um trovão. A chuva caiu sobre o Polo Grounds”. Caiu, caiu, o ressoar de um trovão, e assim termina o Livro de Jó dos meninos.

Eu tinha dez anos e jamais lera algo semelhante. A crueldade da vida. A sua injustiça. Eu não conseguia acreditar. O membro censurável dos Dodgers é Razzle Nugent, um grande arremessador, mas beberrão e cabeça quente, um brigão violento furiosamente invejoso do Garoto. E mesmo assim não é Razzle que termina carregado “inerte” em uma padiola, mas o melhor de todos eles, o órfão chamado Garoto, criado numa fazenda, modesto, sério, casto, leal, ingênuo, intrépido, esforçado, de fala macia, corajoso, atleta formidável, um rapaz maravilhoso e austero. Nem é preciso dizer que pensei no Sueco e no Garoto

como uma só pessoa e me perguntei como é que o Sueco conseguia suportar ler um livro como aquele, que me deixara à beira das lágrimas e incapaz de dormir. Se eu tivesse a coragem de falar com o Sueco, teria perguntado se ele achava que o final significava que o Garoto estava acabado para o beisebol ou se existia ainda a possibilidade de um retorno. A palavra “inerte” me aterrorizava. Será que o Garoto havia *morrido* em consequência da última jogada do ano? Será que o Sueco sabia a resposta? Será que se importava com isso? Será que tinha passado pela sua cabeça que, se um desastre como aquele podia derrubar o Garoto de Tomkinsville, a mesma coisa poderia também pôr fora de ação o grande Sueco? Ou será que um livro a respeito de um nobre astro do beisebol, bárbara e injustamente castigado — um livro sobre um inocente dotado de um enorme talento, cujo grande defeito era simplesmente manter o ombro direito um pouco abaixado e impulsionar a bola um pouco para cima, mas que mesmo assim termina destruído pelo céu trovejante —, era apenas mais um romance na sua estante, entre aqueles suportes de livros com réplicas da estátua *O pensador*?

A avenida Keer era onde moravam os judeus ricos — ou que pareciam ricos para a maioria das famílias que ocupavam apartamentos alugados nas residências partilhadas por duas, três e quatro famílias, com varandas de tijolos inteiramente reservadas para nosso lazer depois do horário da escola: o jogo de dados, o vinte e um e o *stoop-ball*, partidas intermináveis até que a bolinha de borracha vagabunda, arremessada impiedosamente contra os degraus, rompia a costura e estourava. Aqui, nessa grade de ruas margeadas de alfarrobeiras em que a fazenda dos Lyon fora dividida no tempo da explosão de prosperidade no início dos anos 20, a primeira geração de judeus de Newark pós-imigração havia se reagrupado em uma comunidade que se inspirou antes nas características mais salientes da vida americana do que nas aldeias polonesas recriadas por seus pais, falantes do iídiche, em torno da rua Prince, na empobrecida região

do Terceiro Distrito. Os judeus da avenida Keer, com seus porões bem-acabados, suas varandas protegidas com telas, a escadinha de laje na entrada, pareciam estar na vanguarda, como pioneiros audazes, mostrando-se habilitados a desfrutar as amenidades normais da vida americana. E na vanguarda da vanguarda estavam os Levov, que nos haviam concedido nosso próprio Sueco, um rapaz tão próximo de um góí quanto nós mesmos iríamos nos tornar.

Os próprios Levov, Lou e Sylvia, pelo que se podia perceber, eram pais nem mais nem menos americanos do que meu pai e minha mãe judeus, nascidos em Jersey, nem mais nem menos educados, bem-falantes e cultos do que eles. E isso, para mim, foi uma grande surpresa. A não ser pela casa onde morava uma só família na avenida Keer, não havia nenhuma distinção entre nós, como a que existia entre os camponeses e a aristocracia, conforme eu estava aprendendo na escola. A senhora Levov, como a minha mãe, era uma zelosa dona de casa, de conduta impecável, uma mulher de boa aparência, extremamente atenta aos sentimentos dos outros, com uma maneira especial de fazer seus filhos se sentirem importantes — uma das muitas mulheres dessa era que nunca sonharam em se ver livres da grande empresa doméstica centrada nas crianças. Da mãe, os dois irmãos Levov herdaram os ossos compridos e o cabelo bonito, embora, como o cabelo dela fosse mais vermelho, mais crespo e sua pele ainda se mostrasse coberta de sardas joviais, ela parecesse menos assombrosamente ariana do que os filhos, uma excentricidade genética menos clamorosa entre os rostos de nossas ruas.

O pai não tinha mais do que um metro e sessenta e oito ou setenta — um homem buliçoso, ainda mais agitado do que o meu, cujas inquietações estavam modelando as minhas próprias ansiedades. O senhor Levov era um daqueles pais judeus oriundos dos bairros miseráveis e guetos cuja perspectiva iletrada e rude tocara para a frente toda uma geração de filhos judeus esforçados e instruídos em faculdades: um pai para quem tudo representa um dever inexorável, para quem existe um jeito certo e um jeito errado, e nada no intervalo entre um e outro, um pai

cujo conglomerado de ambições, preconceitos e crenças se conserva tão imune aos arranhões de uma reflexão mais cuidadosa que ele se torna alguém mais difícil de a gente se livrar do que parece. Homens limitados dotados de uma energia sem limites; homens rápidos para mostrarem-se amigos e rápidos para ficar de saco cheio; homens para quem a coisa mais séria na vida é *seguir em frente apesar de tudo*. E nós éramos seus filhos. Era nossa missão amá-los.

Calhou de meu pai ser um calista cujo consultório foi durante anos nossa sala de estar e que ganhava dinheiro suficiente para nossa família ir vivendo, mas nada além disso, ao passo que o senhor Levov enriqueceu fabricando luvas de senhoras. O pai dele — o avô de Sueco Levov — tinha vindo do seu antigo país para Newark na década de 1890, e seu primeiro emprego foi descarnar couros de carneiro recém-saídos dos tonéis de cal, o judeu solitário ao lado dos mais rudes imigrantes de Newark, eslavos, irlandeses, italianos, no curtume da rua Nuttman, de propriedade do magnata do couro envernizado T. P. Howell, na época o grande nome na indústria mais antiga e mais próspera da cidade, o curtume e a manufatura de couro. A coisa mais importante na produção do couro é a água — as peles enroladas em grandes tonéis de água, tonéis vomitando água imunda, canos jorrando água quente e fria, centenas de milhares de litros de água. Se existe água limpa, água boa, podem-se fabricar cerveja e artigos de couro, e Newark fabricava as duas coisas — grandes cervejarias, grandes curtumes e, para o imigrante, muito trabalho suado, fedorento e esmagador.

O filho Lou — o pai de Sueco Levov — foi trabalhar no curtume após sair da escola aos catorze anos de idade, a fim de ajudar no sustento da família de nove pessoas, e tornou-se um perito não só em tingimento de couro de veado, esfregando a peça estendida sobre a argila corante com uma escova dura e reta, como também na seleção e na classificação de diferentes tipos de couro. O curtume, que fedia com o cheiro tanto do matadouro quanto da fábrica de produtos químicos nos quais se deixava a carne de molho e se cozinhava a carne e se retirava o

pelo e se preparava a salmoura e se retirava a gordura, e onde, no verão, funcionando dia e noite sem parar, as ventoinhas se cavam milhares e milhares de couros suspensos em uma temperatura que no galpão seco de teto baixo chegava a sessenta e seis graus, onde os vastos aposentos em que ficavam guardados os tonéis eram escuros como cavernas e inundados de refugos, onde trabalhadores braçais abrutalhados, munidos de pesados aventais, armados de ganchos e varas, puxando e empurrando vagonetes abarrotados, torcendo e pendurando couros encharcados, eram impelidos como animais através da laboriosa tormenta que era o turno de doze horas de trabalho — um lugar imundo, fétido, lavado com água tingida de vermelho, preto, azul e verde, com nacos de pele espalhados por todo lado pelo chão, por toda parte fossos de gordura, montanhas de sal, barris de solvente — esse foi o curso secundário e a faculdade de Lou Levov. O surpreendente não era como Lou ficou forte. O surpreendente era como às vezes ele ainda conseguia se mostrar polido.

Assim ele se diplomou na Howell & Co. com pouco mais de vinte anos de idade e, ao lado de dois irmãos, iniciou uma especialização ao produzir pequenas bolsas feitas com couro de jacaré, compradas por R. G. Solomon, o rei da produção do cordovão e líder no preparo de couro de jacarés em Newark; por certo tempo, parecia que o negócio podia florescer mas, após o craque da Bolsa, a empresa desandou, levando à falência os três ativos e audazes irmãos Levov. A empresa Artigos de Couro para Senhoras Newark entrou em atividade poucos anos depois, com Lou Levov, agora sozinho, comprando artigos de couro defeituosos — bolsas, luvas e cintos com defeitos de fabricação — e vendendo-os em uma carrocinha de mão nos finais de semana, de porta em porta, à noite. Em Neck — uma protuberância semipeninsular que assinala o ponto mais oriental de Newark, o primeiro lugar onde cada leva de imigrantes recém-chegados se instalava, as baixadas limitadas ao norte e a leste pelo rio Passaic e, ao sul, pelos pântanos salgados — havia italianos que tinham fabricado luvas em sua terra natal e começaram a trabalhar para ele por

encomenda, em casa. Da pele que ele lhes fornecia, os italianos cortavam e costuravam luvas de senhora que ele vendia como mascate por todo o estado. Na época em que a guerra estourou, ele tinha a seu serviço um conjunto de famílias italianas cortando e costurando luvas para crianças em um pequeno sótão na West Market. Era um negócio secundário, não dava dinheiro grosso, até que, em 1942, veio a bonança: uma luva preta, forrada, feita de pele de carneiro, encomendada pela corporação feminina do Exército. Ele alugou a velha fábrica de guarda-chuvas, um prédio de tijolos de cinquenta anos, todo escurecido pela fumaça, de quatro andares, na esquina da avenida Central com a Segunda, e logo depois comprou o prédio inteiro, alugando o andar de cima para uma fábrica de zíperes. A Artigos de Couro para Senhoras Newark começou produzindo luvas aos montes, e a cada dois ou três dias o caminhão estacionava nos fundos e as levava embora.

Um motivo para um júbilo ainda maior do que o contrato com o governo foi a boa relação comercial com Bamberger. A Artigos de Couro para Senhoras Newark começou a vender para a loja de Bamberger e se tornou o principal fabricante de luvas de couro para senhoras, em virtude de um improvável encontro entre Lou Levov e Louis Bamberger. Em um jantar cerimonioso em homenagem a Meyer Ellenstein, comissário municipal desde 1933 e o único judeu a ocupar o cargo de prefeito de Newark, um figurão da Bam's, ao saber que o pai de Sueco Levov se achava presente, veio cumprimentá-lo pela escolha do filho pelo *Newark News* como o melhor jogador de meio de campo do basquete em todo o condado. Alerta à grande oportunidade de sua vida — a chance de passar por cima de todos os obstáculos e saltar direto para o topo — Lou Levov atrevidamente tratou de deixar claro que gostaria muito de ser apresentado ao legendário L. Bamberger, em pessoa, o fundador da loja de departamentos mais famosa de Newark e o filantropo que dera à cidade o seu museu, uma figura poderosa, tão importante para os judeus da cidade quanto o era Bernard Baruch para os judeus do país inteiro, por causa de suas estreitas

relações com Franklin Delano Roosevelt. Segundo a fofoca que corria pelo bairro, embora Bamberger tivesse feito pouco mais do que apertar a mão de Lou Levov e conversar (acerca do Sueco) durante uns dois minutos no máximo, Lou Levov se atreveu a dizer na sua cara: “Sr. Bamberger, nós temos a qualidade, nós temos o preço — por que não podemos vender para o senhor nossas luvas?”. E antes de o mês terminar, a loja Bam’s havia feito uma encomenda para a Artigos de Couro para Senhoras Newark, a primeira encomenda, de quinhentas dúzias de pares de luvas.

No final da guerra, a Artigos de Couro para Senhoras Newark havia se estabelecido — em boa parte devido às conquistas esportivas do Sueco — como um dos nomes mais respeitáveis no ramo das luvas de senhoras ao sul de Gloversville, Nova York, o centro do comércio de luvas, onde Lou Levov embarcava seus couros pela ferrovia, através de Fultonville, para serem curtidos no melhor curtume de luvas que existia. Em 1958, pouco mais de uma década depois, com a abertura de uma fábrica em Porto Rico, o próprio Sueco se tornaria o presidente da empresa, viajando todas as manhãs até a avenida Central, desde sua casa, quarenta e oito quilômetros a oeste de Newark, para além dos subúrbios — um pioneiro da meia distância que morava em uma fazenda de cem acres na beira de uma estrada vicinal nas montanhas escassamente habitadas depois de Morristown, na saudável e rural Old Rimrock, Nova Jersey, bem longe do curtume onde o avô Levov começara a vida na América, aparando do couro bruto a carne esponjosa que havia inchado, de forma nojenta, até atingir duas vezes a sua espessura original, nos grandes tonéis de cal.

Um dia depois de se formar em Weequahic, em junho de 45, o Sueco ingressara na fuzilaria naval, ansioso para tomar parte da luta que poria fim à guerra. Corria o boato de que seus pais estavam apavorados e fizeram de tudo para convencê-lo a sair da fuzilaria e entrar na marinha. Mesmo que o Sueco superasse o famigerado antisemitismo dos fuzileiros navais, será que ele se imaginava escapando vivo de uma invasão do Japão?

Mas o Sueco não se deixava dissuadir do desejo de enfrentar o desafio patriótico e valoroso — que ele secretamente prometera a si mesmo depois de Pearl Harbor — de partir para combater como um dos mais arrojados entre os mais arrojados, caso o país ainda estivesse em guerra quando ele se formasse na escola secundária. Estava apenas concluindo seu treinamento de recruta em Parris Island, Carolina do Sul — onde os rumores indicavam que os fuzileiros deveriam atacar o litoral japonês no dia 1º de março de 1946 — quando a bomba atômica foi lançada em Hiroshima. Em consequência, o Sueco passou o restante do tempo de serviço militar como “especialista em recreação”, lá mesmo em Parris Island. Comandava os exercícios calistênicos do seu batalhão durante meia hora, todas as manhãs antes do desjejum, cuidava para que os praticantes de boxe distraíssem os recrutas duas noites por semana e passava a maior parte do tempo jogando no time da base contra os times das forças armadas de toda a região sul, basquete todo o inverno, beisebol durante todo o verão. O Sueco estava na Carolina do Sul havia mais ou menos um ano quando ficou noivo de uma moça irlandesa e católica cujo pai, um major da fuzilaria que tempos antes fora treinador do time de futebol americano de Purdue, havia obtido para o Sueco a mamata que vinha a ser o seu cargo de instrutor de ginástica, a fim de permitir que este ficasse em Parris Island para jogar. Muitos meses antes de o Sueco ser dispensado, seu pai fizera uma viagem até Parris Island, permaneceu ali durante uma semana inteira, no hotel em Beaufort, perto da base, e só partiu quando o noivado com a senhorita Dunleavy foi desfeito. O Sueco voltou para casa em 1947 e se matriculou no Upsala College, em East Orange, com vinte anos, sem o estorvo de uma esposa gentia e cercado de um heroísmo ainda mais glamouroso por ter atingido seu objetivo de tornar-se um fuzileiro naval judeu — um instrutor de ginástica, nada mais nada menos, e no campo de treinamento militar provavelmente mais cruel do mundo todo. Os fuzileiros navais são feitos no treinamento de recrutas, e Seymour Irving Levov ajudara a forjá-los.

Sabemos tudo isso porque a mística do Sueco sobreviveu nos corredores e nas salas de aula da escola secundária, onde eu estudava a essa altura. Recordo ter viajado duas ou três vezes com amigos, em uma primavera, até Viking Field, em East Orange, para ver o time de beisebol de Upsala disputar partidas locais, aos sábados. O seu grande astro, o bateador da quarta posição e homem da primeira base, era o Sueco. Três home runs no mesmo dia, contra Muhlenberg. Sempre que víamos um homem nas arquibancadas vestindo terno e chapéu, cochichávamos uns para os outros: “Um olheiro, um olheiro!”. Eu já estava na faculdade quando soube, por intermédio de um colega da escola primária que ainda morava no bairro, que o Sueco recebera uma proposta para assinar contrato com um clube da segunda divisão associado ao Double A Giant, mas recusara o convite para, em vez disso, ir trabalhar na empresa do pai. Mais tarde, por intermédio de meus pais, vim a saber do casamento do Sueco com a Miss Nova Jersey. Antes de ir disputar em Atlantic City o título de Miss América de 1949, ela fora Miss Município de Union e, antes disso, Rainha da Primavera em Upsala. De Elizabeth. Uma *shiksa*. Dawn Dwyer. Ele havia conseguido.

Certa noite, no verão de 1985, durante uma visita a Nova York, fui ver os Mets jogarem com os Astros e, enquanto contornava o estádio com amigos em busca do portão que levava aos nossos lugares, vi o Sueco, trinta e seis anos mais velho do que na época em que eu o via jogar no time de Upsala. Vestia uma camisa branca, uma gravata de listras e um terno cinza carvão, próprio para o verão, ainda tremendamente bonito. O cabelo dourado estava um pouquinho mais escuro mas nem um pouco mais ralo; já não estava aparado curto mas escorria bem cheio por sobre as orelhas e descia até o colarinho. Nesse terno que caía nele com tanta elegância, o Sueco parecia ainda mais alto e mais esguio do que eu o recordava no uniforme de qualquer um dos esportes que praticara. A mulher que nos acompanhava reparou nele antes de nós.